

RESENHA

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**, São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1994. 334 p.

Marcos José de Castro Guerra¹

O Prefácio de Adriano S. Nogueira nos prepara para "um texto de memória sobre a memória" que demonstra um percurso e nos permite averiguar "o modo como se constituiu nele, Paulo, o educador". Como desenvolveu sua humanidade, sua humildade e sua conhecida objetividade, e ainda como "articula elementos da realidade que certa tradição ocidental teima em separar, dicotomizando".

Neste livro, publicado em 1994, as 18 Cartas de Paulo Freire respondem ao pedido de uma sobrinha, Cristina, profissional da saúde e educação no Rio de Janeiro. Cuja carta de agradecimento é publicada nas páginas 235-236. Inclui correspondência entre ambos desde os anos 70, desde quando a Cristina, adolescente, demonstrava sua curiosidade sobre a Suíça e sobre temas para os quais despertou ao longo de sua própria vida, inclusive em seus estudos universitários.

Gostaria de que você me fosse escrevendo cartas falando algo de sua vida mesma, de sua infância e, aos poucos, dizendo das idas e vindas em que você foi se tornando o educador que está sendo.

¹ Mestre em Direito Internacional do Desenvolvimento pela Universidade de Paris V - René Descartes. Experiência com EDUCAÇÃO (jovens e adultos, alfabetização, ensino universitário, UNESCO, OIT, FAO, UNICEF). Experiência na COOPERAÇÃO INTERNACIONAL, na França e na África negra, nas áreas de Educação para o desenvolvimento, Desenvolvimento local e regional, Desenvolvimento Sustentável. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1366-8099>. E-mail: mjguerraadv@gmail.com

Num primeiro bloco escreve sobre "alegrias, dores, sofrimentos, experiências pessoais". No segundo bloco, a partir da 14a. Carta, "ainda quando dizendo algo de mim, falo de um elenco de temas que me têm surgido dentro e fora do Brasil." (p.28). O livro sinaliza os principais períodos de sua vida profissional, (i) começando pelo SESI (Serviço Social da Indústria, da Federação das Indústrias de Pernambuco) e (ii) logo depois no MCP (Movimento de Cultura Popular, da Prefeitura do Recife), onde um trabalho criativo em equipe desenvolveu atividades educativas singulares que o marcaram de forma significativa. Após, (iii) alargou os horizontes de sua atividade educativa no SEC (Serviço de Extensão Cultural, da então Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco), nova entidade que criou e dirigiu de forma inovadora, para atividades de extensão universitária, com uma equipe multidisciplinar. Evidenciou rapidamente a necessária prioridade às atividades de alfabetização de jovens e adultos, inspirando de forma decisiva uma primeira experiência de massa, que ficou conhecida como as "40 horas", realizada em Angicos, Rio Grande do Norte. Cujo êxito e repercussão naturalmente o levaram a ampliar seu trabalho, ao ser convidado pelo Presidente da República para implantar no Ministério da Educação (MEC) o PNA – Programa Nacional de Alfabetização. Finalmente, nas últimas Cartas refere-se a vários itens (iv) sobre os quais era chamado a se pronunciar, em palestras ou por escrito. Sua reflexão prioriza então outros fatores limitantes para o pleno exercício da cidadania e que levam a grande desigualdade política e social no Brasil: além do analfabetismo, a fome, o poder, a educação, a democracia e a igualdade.

Já mencionamos o cuidadoso prefácio, ao qual se acrescentam na parte final do livro as numerosas "Notas" de sua esposa Ana Maria Araújo Freire. Segue-se a Introdução, na qual o autor nos explica como o livro tomou forma, "antes mesmo de ser posto no papel", ciente dos limites "de certas traições a que a memória dos fatos está sujeita, quando a gente distante deles, deles. fala". Não se afasta do rigor científico e metodológico que o caracteriza, e da objetividade já mencionada, quando testemunha sem perder-se "na distância enorme entre o que faz e o que diz."

Reconhecendo ser "impossível escapar à ficção em qualquer experiência de memoriar" quis deixar claro que "as experiências que falaria não me pertenciam em termos exclusivos" (p. 30). Ao relembrar fatos da sua infância remota, e da adolescência difícil, o fez como "um ato de curiosidade necessário", no qual tinha "sempre algo a aprender dela." (p.31). Dentre os mais marcantes, lembra-se que "tinha um conhecimento de primeira mão, existencial, das relações entre desnutrição e dificuldades de aprendizagem (p. 34), e subsídios para suas reflexões sobre a "origem" e a "posição de classe social" (p. 40). Abre suas memórias e sentimentos num estilo direto e íntimo, diferente de outros livros que escreveu.

Chama a atenção como desde cedo aprendeu com seus pais o diálogo. Aprendeu "a perguntar e até mesmo a discordar". Lembra-se como aprendeu a ler e a escrever no chão do quintal de sua casa, antes dos seis anos de idade, quando então foi à escola da professora Eunice (p. 49). Afirma que viveu a aprendizagem inicial sem dicotomia entre o universo de casa e o da escola: "não havia uma fronteira entre minha forma de estar sendo em casa e os meus exercícios na escola; a escola não punha entre parênteses minha alegria de viver" (p. 50), identificando, entretanto, que esta não tenha mais sido a tônica durante toda sua escolaridade.

O pai foi reformado pela Polícia, por questões de saúde, em plena crise econômica que se acentuou na época, obrigou-lhes ao que considera seu "primeiro exílio", (p. 58) aos 11 anos, quando a família saiu do Recife e foi morar em Jaboatão. Dois anos depois vivenciou a morte do pai, em casa, (p.100), e menciona o luto: "numa sã e difícil experiência de luto, não podemos simplesmente por uma pá de terra sobre a ausência como tão pouco e simplesmente também pretender a redução de nossa vida ao passado" (p. 101). Morte que resulta também em maiores dificuldades financeiras para a família, na medida em que a pensão era menor que o recebido antes pela reforma. Ao arrocho segue-se mais tarde uma melhora com a participação do irmão mais velho, Armando.

Dentre as lembranças de suas relações com o pai, ressalta que ele "nunca fazia dissertações eruditas nem forçava um assunto se este não nos interessava. Perguntava, desafiava, ao mesmo tempo em que nos ia introduzindo a diferentes temas" (p. 62). Com o pai e um tio,

teve seu primeiro curso de realidade brasileira, através de diálogos entre ambos sendo que o irmão, jornalista, tinha sido preso político: "ele nos ensina a democracia não apenas através do testemunho que nos dava - o do respeito a nós, a nossos direitos, o da forma como estabelecia limites necessários para a nossa liberdade, tanto quanto a sua autoridade - mas também pela crítica sensata e justa que fazia aos desmandos dos poderosos" (p. 65)

Como a maioria de nós, tem muito presente e com carinho a lembrança das suas professoras do então curso Primário em Jaboatão, Cecília Brandão e Odete Antunes. (p. 72) Nelas, identifica a origem da importância que têm para ele as questões relacionadas com a linguagem, um gosto que havia tomado desde a primeira professora, Eunice Vasconcelos. Mais adiante retoma este valor estético da linguagem, do qual sempre cuidou: "Escrever bonito é dever de quem escreve não importa o que e sobre que". (p. 106)

E se refere às primeiras experiências com "a pedagogia do tapa": para o "seu Armada", da escola de Jaboatão, o contraponto à licenciatura, na qual as crianças fazem o que querem. E nos convida à reflexão: "negando as duas, a do tapa e a do espontaneísmo, esperamos que se afirme uma prática democrática em que nem a autoridade se exacerbe, afogando a liberdade, nem esta, hipertrofiada, anule a autoridade, mas em que limitando a liberdade, a autoridade igualmente se limite" (p. 80-81)

A partir da 11ª Carta (p. 109) relata e elabora suas reflexões baseado em suas atividades e desafios profissionais no SESI, no MCP do Recife, no SEC - Serviço de

Extensão Cultural da Universidade do Recife, e na Alfabetização de jovens e Adultos.

Voltemos ao percurso profissional, começado na entidade patronal de Assistência Social aos trabalhadores. Relata sua opção por uma "perspectiva progressista", a "necessidade de coerência", ressaltando ser "impossível compatibilizar um discurso progressista com uma prática autoritária". Lembra que "jamais pude aceitar a conciliação entre o discurso de esquerda e a prática discriminatória, de sexo, de raça, de classe." (p. 115). Explicita sua vigilância para obter "práticas substantivamente opostas às de uma política assistencialista", e seu empenho "em fazer uma escola democrática,

estimulando a crítica dos educandos, uma escola que, sendo superada, fosse substituída por outra em que já não se apelasse para a memorização mecânica dos conteúdos transferidos, mas em que ensinar e aprender fossem partes inseparáveis de um mesmo processo, o de conhecer. (p. 117).

Diferencia ASSISTÊNCIA e ASSISTENCIALISMO, denunciando o segundo como uma "arapuca ideológica" para manipular e dominar as classes populares", tema mais tarde aprofundado por Betinho, como indica. (p 129). Para tanto, exigia "o respeito ao conhecimento com que os educandos chegavam à escola, e à identidade cultural dos educandos" (p. 119), partindo de sua experiência pessoal e familiar "em casa, nas relações com meus pais e meus irmãos, de que tenho falado em cartas anteriores, me havia tocado fortemente por seu caráter democrático." (p. 118). Foi no diálogo com as famílias do SESI que "aprendeu para nunca mais esquecer, como lidar com a tensa relação entre prática e teoria - a prática precisa da teoria, a teoria precisa da prática, assim como o peixe precisa da água despoluída" (p. 140), condenando a dicotomia entre prática e teoria, fazer e pensar." Para aprofundar as questões chegaram a criar dentre outros um instrumento operacional, a "Carta Temário"(p. 121). Ao "aprender com sua própria prática" [...] terminou "por fazer uma série de aprendizados indispensáveis a quem se insere no processo de mudança da realidade". Dentre outros, relata o "caso do boné" - que seria implantado de forma obrigatória, e por sua sugestão foi levado como proposta, e recusado pelos futuros utilizadores "Quantos bonés não vêm sendo impostos a nós sem que tenhamos sido consultados, e ainda, em nome de nosso interesse e de nosso bem estar." (p. 139)

Ainda no SESI, começou a "testar, com mais frequência, a minha COERÊNCIA, minha TOLERÂNCIA, minha PACIÊNCIA IMPACIENTE - qualidades indispensáveis a um educador ou educadora progressista." (p. 133)

Seguem-se as ações no MCP, criado em 1960 "a partir de um sonho de Arraes", eleito Prefeito do Recife. E da "vontade igualmente política de um grupo de líderes operários, artistas, e intelectuais outros, para a transformação da sociedade brasileira, e por este sonho lutar", se fixaram como meta "fazer possível a existência de um

órgão ou serviço de natureza pedagógica, movido pelo gosto democrático de trabalhar com as classes populares, e não sobre elas, de trabalhar com elas e para elas. (p. 141). O projeto original coube ao Prof. Germano Coelho, recém chegado de uma pós-graduação na França, onde conheceu *Peuple et Culture*. Criaram não mais uma repartição municipal e sim "um movimento" de educação e cultura popular," e esclarece: "movimento para processo, vir a ser, mudança, mobilidade. Movimento no qual os sócios fundadores constituem o Conselho, e todos os sócios atuam juntos numa mesma aventura e não como puros técnicos ou especialistas. Atuam através de projetos, e não de departamentos, educação progressista de jovens, crianças e adultos. Um sonho que para se concretizar devia responder a certas exigências.

Dentre elas, aprofundar a visão dialética do papel "do processo histórico, e do FUTURO como de caráter problemático e não inexorável (p. 143). Tinha "o futuro como possibilidade, superando o determinismo mecanicista, e colocando concretamente a responsabilidade na história, a decisão, a opção. [...] Não é o que tem que ser, mas o que fazemos com e do presente". "Eclode da transformação do presente, como um dado dando-se". E cada um como SUJEITO DA HISTÓRIA e não somente como OBJETO dela.

Questiona como os 32 milhões de famintos nacionais "aguentarão calados e pacientes a situação que lhes vem sendo imposta" como se fosse FADO ou SINA. Refere-se a Gramsci e Amílcar Cabral, em sua visão sobre a CULTURA: "estávamos sem o saber nas pistas de ambos, no que diz respeito à sua compreensão dialética da cultura, do seu papel na luta de liberação dos oprimidos (p. 150). Daí a importância atribuída à preservação das tradições da cultura popular. E acentua o papel da educação na construção da CIDADANIA, a qual "exige um saber político, gestando-se na prática de por ela lutar" associada à "prática de sobre ela refletir".

Uma educação crítica, inserida na luta pela conquista de direitos, que revela a compreensão dos fatos e da realidade. Inclui "na formação técnico-profissional para as classes populares, além de seus conteúdos de formação para a produção, "a apreensão da razão de ser da própria técnica" (p. 146). Exemplifica a valorização do saber popular, no ateliê improvisado do artista Abelardo da Hora, com

jovens populares fazendo arte. "Toda a gente pode fazer arte; a escola é que de maneira geral nos inibe, fazendo-nos copiar modelos."

A formação técnico científica envolve, de um lado, a capacitação técnica, de outro a apreensão da razão de ser da própria técnica. Mais ainda, a formação técnico científica não pode prescindir, sob pena de mutilar-se mutilar-nos, da incessante busca de criação de um saber pensar, de um pensar certo, de um pensar crítico. Pensares e saberes que, não se contentando com a "fonologia" e a "morfologia" da tecnologia e da ciência, se alongou até sua " sintaxe (p. 146).

Alí nasceram os "círculos de cultura", concebidos como "espaços em que dialogicamente se ensinava e se aprendia. Em que se conhecia em lugar de se fazer transferência de conhecimento. Em que se produzia conhecimento em lugar de justaposição ou da superposição de conhecimento feitas pelo educador a ou sobre o educando, em que se construía novas hipóteses de leitura do mundo". (p. 155). "A eficácia, o interesse por ele despertado, a vivacidade das discussões, a curiosidade crítica e a capacidade que os grupos populares revelavam de conhecer" decidiram Paulo Freire a "pensar na hipótese de elaborar algo parecido com vistas a alfabetização de adultos". (p. 156). Sabemos que a primeira experiência de Círculo de Cultura, no Poço da Panela, teve como Coordenador o então estudante de medicina Carlos Augusto Nicéas de Almeida, depois renomado psicanalista.²

Sobre a prática educativa, indica alguns "pressupostos, elementos necessariamente constitutivos. (p. 157-163):

- a) a "situação educativa se realiza em um dado ESPAÇO. [...] Que fazer nos espaços precaríssimos de escolas brasileiras de áreas populares menos prezadas e discriminadas?"

² ALMEIDA, Carlos Augusto Niceas de. Poço da Panela: um testemunho. **Revista Em Aberto**, Brasília, v. 26, n. 90, p 179-180, jul./dez 2013.

- b) ela se dá "na existência de educador e educando, sem que isto signifique que são iguais entre si, [...] SUJEITOS do processo de conhecer, que envolve ensinar e aprender";
- c) é inegável sua DIRETIVIDADE: visa "um certo objetivo, um certo sonho, uma certa utopia;
- d) tem também sua POLITICIDADE, vista a "impossibilidade de ser um quefazer neutro".
- e) e finalmente, deve "respeitar a IDENTIDADE CULTURAL dos educandos."

Lista ainda alguns pontos que balizaram sua prática educativa no MCP (p. 163-164) incluindo sua visão sobre itens como i) a alfabetização, ii) os alfabetizandos, iii) o programa (incluindo o universo vocabular e temático, a compreensão da cultura), iv) o diálogo como caminho de conhecimento, v) as palavras geradoras, sua codificação e descodificação, vi) jamais dicotomizar escrita e leitura, v) considerar a necessária adaptação do trabalhador adulto ao peso e manejo do lápis e das frágeis folhas do caderno, e sua insegurança ao iniciar um processo de aprendizagem que é novidade para ele.

Naturalmente, de um movimento a nível municipal, passou a um horizonte maior, convidado que foi para dirigir o SEC, a extensão cultural da Universidade do Recife. Criada no bojo da luta estudantil pela Reforma Universitária, que contou com o apoio de alguns professores, a então Universidade do Recife pretendeu uma extensão universitária que pudesse contribuir ao mesmo tempo para sua modernização e para estreitar suas ligações com a sociedade. Em fevereiro de 1962, por decisão do Reitor João Alfredo, seu contemporâneo no SESI, onde dirigia o setor da saúde enquanto Paulo Freire dirigia o da educação. Concretizaram o que Paulo Freire chamava de "um sonho nosso", assim explicitado:

O que se quer é diminuir a distância entre a universidade ou o que se faz nela e as classes populares, mas sem a perda da seriedade e do rigor. Sem negligenciar diante do dever de ensinar e pesquisar. (p. 169)

[...] multiplicar convênios com o Estado, com municípios, com movimentos populares, cooperativa de produção, clubes recreativos, clubes de amigos de bairro, associações, igrejas, através do que se intensificasse sua ação formadora. (p. 171).

No SEC, abria-se uma nova fronteira para sua atividade na alfabetização de jovens e adultos, numa outra escala. Em convenio com o MEC (Ministério da Educação), o SEC atuou em convenio com o MEC, na formação de equipes responsáveis pelo PNA - Programa Nacional de Alfabetização, e na "experiencia de Angicos". (p. 171).

Em setembro de 1962, Paulo Freire recebeu em sua casa a Calazans Fernandes, então Secretário da Educação do RN, no Governo do Rio Grande do Norte (p. 175) Encontro organizado pelo então Deputado Federal Odilon Ribeiro Coutinho, amigo de ambos, e que conhecia a primeira experiência de Círculo de Cultura no Poço da Panela, já mencionada. O Secretário convidou Paulo Freire para orientar um trabalho de alfabetização no RN³, em convênio com a SUDENE e no âmbito de um programa de cooperação com a APP - Aliança para o Progresso, com financiamento através da USAID.

Respondeu prontamente, aceitando uma reunião com o Governador para acertar detalhes, mas já apresentou "algumas poucas exigências" (p. 176-177):

- um Convenio entre o Governo do RN e a Universidade do Recife;
- a Secretaria da Educação do RN assume os gastos com a equipe do SEC, sendo que quanto a ele mesmo, somente os traslados, pernoites e refeições, visto que seu salário já era pago pela Universidade;
- permaneceria livre para igualmente colaborar com o Município de Natal, na Campanha De Pé no Chão Também de Aprende a Ler;
- a coordenação dos trabalhos deveria ser entregue à liderança universitária, em

³ FERNANDES, Calazans; TERRA, Antonia. 40 Horas de Esperança. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

estreita relação com o Secretário da Educação do RN;

- o Governador deveria precaver-se de, durante os trabalhos, fazer visitas aos centros ou aos círculos de cultura, para evitar exploração política.

Antecipando-se, Calazans perguntou-lhe sobre o fato de atuar no âmbito de projeto apoiado pela Aliança para o Progresso, e teve como resposta:

- a) minhas relações se darão com o governo do RN através de sua Secretaria
- b) da Educação;
- c) o que me importa é a autonomia que a liderança universitária e eu tenhamos para decidir, a seriedade do senhor e o respeito do Governador às exigências que faço.
- d) Afirmou ainda estar certo "de" que se a APP pretende realmente cooptar-nos,
- e) desistirá em pouco tempo pela impossibilidade de fazê-lo. (p. 177).

Trinta anos depois, em visita que fizemos juntos a Angicos, demonstrou "sua alegria em ter voltado a Angicos", e aqui comenta mais adiante que "nunca fizera afirmação tão bem e objetivamente comprovada depois, pelos fatos, quanto a que fiz para aceitar minha presença em Angicos" (p. 178), e ainda "Como estive certo em dar a minha contribuição ao programa. Como estiveram errados os que me criticaram por isto."(p. 180)

Reserva-se para abordar nas últimas cinco Cartas, "um elenco de temas que me tem sido sugerido dentro e fora do Brasil". Nelas, de forma radical refere-se à fome e ao analfabetismo como grandes fatores limitantes.

Não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito ao demais, do direito à voz, da participação, da reinvenção do mundo num regime que negue a liberdade de trabalho, de comer, de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, a liberdade de ser. (p. 183)

Muito dificilmente uma população faminta iletrada, [...] pode alcançar, antes de comer, o valor para si mesma de uma imprensa livre imprensa que sequer vê. Se, porém, uma população nessas condições consegue começar a comer, em algum tempo sua compreensão da Liberdade muda, e passo a passo, desvela finalmente o valor da Imprensa Livre uma vez sido exercido o direito básico de comer, a negação do exercício de outros direitos vai sendo sublinhada. (p. 191)

Se a opção do professor é realmente democrática, ao constatar sua incoerência não tem outro caminho senão diminuir a distância entre o que diz e o que faz. [...] Do ponto de vista de qualquer que seja a visão político pedagógica que tenhamos, [...] Teremos de buscar, por este ou aquele caminho, a superação da contradição representada na incoerência. (p. 203)

Ciente que muitos universitários, professores e alunos o procuram, escreve uma carta sobre os diferentes papéis na orientação de dissertações de mestrado ou de teses de doutoramento. Relata sua vivência em diferentes situações, (p. 207-214), com sugestões metodológicas sobre o trabalho de pesquisa e os cuidados com a redação, as leituras necessárias e a articulação entre ambos, de forma independente e complementar.

Já no término do livro, retoma uma "aproximação crítica" sobre os temas da dominação e libertação ("de classe, de raça, de sexo") (p. 215), questionando se existem relações com o fracasso escolar (p. 215-220).

Finalmente, na 18a Carta salienta importantes questões que exigem aprofundamento, como a relação senhor-escravo, a fome no mundo, ainda a violência, a subjetividade da história e o renascimento da ameaça nazi-fascista. (p. 221-233).

Para coroar, temos uma Carta da própria Cristina, manifestando sua "grande alegria" e que afirma em conclusão:

Fico feliz hoje em sentir e perceber, depois de tantas cartas enviadas e recebidas, e tantas saudades e curiosidades, às vezes até infantis, tanta sede de

conhecer esse universo, suas "idas e vindas", o quanto foi importante para minha formação enquanto profissional, mulher e cidadã, a sua participação, o seu trabalho, suas questões sempre tão bem levantadas e colocadas e sua bela insistência em lutar pelos seus sonhos.

Submetido em: Julho/ 2021.

Aceito em: Julho/ 2021.